4: Paula SM3 Caingang

ANNAES

DO

XX CONGRESSO INTERNACIONAL

DE

AMERICANISTAS

REALIZADO NO RIO DE JANEIRO, DE 20 A 30 DE AGOSTO DE 1922

ORGANIZADOS PELOS SECRETARIOS

Drs. Léon F. Clérot e Paulo José Pires Brandão

VOL. I

[Title page]

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1924

Memoria sobre os botocudos do Paraná e Santa Catharina organisada pelo serviço de protecção aos selvicolas sob a inspecção

DO

DR. JOSÉ MARIA DE PAULA

Os botocudos de Santa Catharina são os descendentes dos aborigenes primitivos que habitavam todo o interior do Brasil meridional: os Tapuias, pertencentes á grande nação dos Aymorés. Esta é a opinião que mais nos parece acertada, sendo elles, portanto, os ultimos sobreviventes d'aquella numerosa e guerreira nação, hoje representada por este grupo, que agora permanece nos acampamentos do Rio Plate.

Percorria esta tribu a vasta zona comprehendida entre os rios Yguassú e Uruguay e o oceano, mantendo gigantesca lucta contra os civilizados que desbravavam suas mattas e exterminavam o seu principal alimento: a caça.

As primeiras noticias registradas de assalto de indios datam do anno de 1830.

Afim de proteger os colonos nas zonas em que mais perigos corriam por parte dos indios, eram então enviados os «Pedestres», tropa creada em 1836. Essa tropa tinha por funcção afugentar os indios, perseguindo-os, não logrando porém que com isso cessassem os assaltos.

Diz o presidente da Provincia, Dr. João José Coutinho, em a sua «falla» do anno de 1856, que "a unica medida realmente efficaz seria obrigar estes «assassinos e filhos de barbaros» deixarem a floresta localisando-os em logares dos quaes não pudessem fugir.

Recrudesceu o «perigo indigena», exigindo sérias providencias. Organisou então o Governo turmas de sertanejos experimentados, que deviam procurar se approximar dos indios e, caso não fosse possivel tornal-os amigos, afugental-os, sem porém lhes fazer mal.

No municipio de Blumenau, onde o perigo sempre augmentava, foi nomeado capitão do matto Frederico Decke, homem de grande coragem e circunspecção, que em suas expedições pela floresta procurou por todas as formas attrahir os indios, para que estes se tornassem pacificos e amigos.

Nada, porém, se conseguiu; continuavam com a mesma frequencia os assaltos praticados pelos inidios e, em 1879, como medida de economia, foi extincta essa turma de sertanejos.

Até esta data tinham ordem estas expedições de expressamente não fazer mal aos indios, onde os encontrassem.

Encontrava-se porém, agora, o regimen das «batidas», visando o exterminio completo dos indios.

Sempre por occasião de um assalto de indios organisavam-se grandes turmas de expedicionarios, tanto por iniciativa particular, como até official, que em suas «batidas», pelo modo mais barbaro, assassinavam centenas de indios. Em seu regresso, exhibiam nos centros populosos mu-

[p. 117]

lheres e muitas creanças de suas pobres victimas, como «trophéo heroico», e prova incontestavel de que a chacina de um acampamento de indios havia sido completa. Traziam, destes pobres sobreviventes, armas e utensilios de toda a especie, que pertenciam ás suas infelizes victimas, surprehendidas quando no mais profundo somnno.

Ainda mesmo assim, o resultado fôra negativo: não só atacavam os indios movidos pela necessidade, em virtude da colonisação progressiva que se realisava por todos os lados, como tambem ainda impellidos agora pelo mais justo espirito de vingança e verdadeiro odio.

Como se divulgassem crassamente os horrores perpetrados contra os indios nessas «batidas», sempre almas houve que, piedosas, levantassem protestos contra estas ignobeis crueldades.

Fundou-se então em Florianopolis uma liga denominada: «Liga Patriotica», creada com o fim exclusivo de resolver a questão indigena, pacificando os botocudos do Estado.

Foi nomeado «Pacificador», José Bernardino da Silveira, que, com duas mulheres indias, das que haviam sido trazidas em captura de uma destas batidas, seguiu para a região do Rio das Pombas, com o intuito de ali fundar uma pequena «Aldeia de Attracção».

Foi o resultado inteiramente nullo, pois que, como havia sido facil prever, as indias, ao chegarem ao matto, fugiram, sem que dellas mais se conseguisse saber noticias.

Identico insuccesso teve outro emissario da «Liga», o «Pacificador» Alberto Fric, que seguira para um affluente do Rio Itajahy do Norte, e que se limitava apenas em colleccionar objectos de indios entre os moradores civilisados.

Tentativas de «catechese», feitas em 1868, pelos padres capuchinhos Virgilio do Amplar, e Estevão de Vicenza, tanto em Lages como em Itajahy, não lograram o minimo successo, cousa aliás por si evidente: pois que estes religiosos jamais se embrenharam nos sertões, para estabelar relações com os indios.

Em 1885, o mesmo fiasco fizera o padre capuchinho, Luiz de Comitila, com suas novas tentativas de «catechese» dos indios botocudos de Santa Catharina.

Em nova e decisiva phase entrou o problema com a creação do Serviço Federal de Protecção aos Indios, que em 1914, a 22 de setembro, finalmente conseguiu o primeiro contacto pacifico com os «ferozes e indomaveis» botocudos deste Estado.

Os indios botocudos de Santa Catharina são em geral de estatura mediana, bem conformados, e as mulheres são pequenas.

O seu physico, é muito desenvolvido, dispondo elles de uma resistencia e força musculares extraordinarias.

O indio, fóra do matto, principalmente quando vestido, jamais dá a impressão do que na realidade elle é. A nossa vestimenta occulta inteiramente a extrema agilidade, força e precisão de que dispõem, dando-lhes a apparencia de serem homens abrutalhados e somnos.

Para poder fazer-se uma ideia exacta das suas aptidões, é necessario conviver com elles no matto, e acompanhal-os em suas peripecias de caçadas, colheitas de fructas, perfuração de abelheiras e seus multiplos outros affazeres. Estas são as occasiões em que se podem admirar a presteza, acerto e segurança de cada movimento, do qual muitas vezes depende a vida do indio.

Verifica-se o mesmo em as mulheres, que, não obstante sua pequena estatura, são de uma resistencia physica fóra do commum.

4: Paula SM3 Caingang

Carregam ellas durante semanas consecutivas, em suas peregrinações pela floresta, enormes cestos com carga de grande peso; montando ainda sobre os mesmos, quasi sempre, uma creança. Além disso tudo, levam nas mãos objectos pesados, como machados, panellas de ferro, etc., etc. São ellas, por assim dizer, os verdadeiros cargueiros da tribu, carregando os guerreiros carga unicamente quando longe das mulheres.

A sua tez apresenta uma côr bronzeada escura, que nas mulheres é mais clara.

Os cabellos são negros, grossos e corredios.

Commum é entre ellas a carie dos dentes, possuindo, já quando creanças, dentaduras defeituosas. Entrám o dente immediatamente, assim que se torne dolorido, processo este que, como é natural, mui cedo os deixa quasi sem dentes. Devéras curioso é o facto que os guerreiros exigem que suas mulheres (pelo acto de serem mais jovens, possuem melhores dentes que estes) mastiguem para si todos os alimentos, cabendo-lhes apenas o trabalho de engulir, o que fazem, commodamente deitadas junto ao fogo.

Não existem molestias peculiares aos indios botocudos. Têm sido, porém, muito atacados pela mortifera grippe e suas complicações, como bronchite, pneumonia, etc. Soffrem tambem de rheumatismo articular e muscular.

E' sobremodo digna de nota a extrema facilidade com que nelles cicatrisam todos os ferimentos, muitas vezes gravissimos.

Inteiramente desconhecidas entre ellas são as molestias venereas, de qualquer especie.

A sua fecundidade é grande, o que assegura a perpetuação da tribu.

E' uma tribu que vive essencialmente da caça e, portanto, nomade, sempre em transito pelas florestas, á procura e perseguição da mesma. Preferem a anta, não só pelo sabor da sua carne, como pela quantidade de carne. Caçam-na dos seguintes modos: procuram rasto fresco no qual soltam os seus cães, acompanhando-os na carreira até o levante da anta. Orientando-se em seguida da direcção tomada pela mesma, que sempre segue os seus habituaes carreiros, por elles conhecidos, atalham pela floresta, esperando adiante a sua passagem. Atropelada pelos cães, vem a anta em vertiginosa corrida, sendo então atacada e morta a lançaços.

Admiravel a segurança do primeiro golpe, que nunca falha, fazendo desmunhecar instantaneamente o animal, que é então carneado.

Antigamente, e hoje ainda, na falta de cães, procuram o rasto, seguindo-o depois, cautelosamente, com uma pericia inegualavel, chegando mansamente e surprehendendo a anta na «cama» onde a flecham.

Chamam-na «yóléma», «niá-mbang», em sua linguagem.

Em a caçada dos veados, «Cambéma», procedem identicamente, cercando-os ou surprehendendo-os. Cousa bem difficil, pois, como é sabido, o veado é a caça mais fugaz e mais arisca das nossas mattas.

Caçada de grande monta para ellas representa a dos porcos do matto, «ógma». Além de muito apreciarem a sua carne, enthusiasma-os a especulativa de matal-os sempre em grande numero. Encontrando vestigios de porcada, seguem-os cuidadosamente até encontral-os, atacando-os. Feito isto, em se tratando de uma grande manada, os indios, com mulheres, creanças e tudo que lhes pertence, seguem-n'a ás vezes muitas semanas consecutivas. Atacam os porcos sempre que podem, matando sempre tanto quanto lhes é possivel.

No demais, nada escapa ás suas certeiras e mortiferas flechas e á sua excellente digestão. Desde a feroz onça, «mêngmã», até o gracioso e delicado tirú, «pupulêma», não são poupados.

Gostam sobremodo da carne do macaco, «Conhãrema» e da dos bugios, «grima», ás quaes attribuem qualidades excepcionaes, crença esta talvez oriunda da lenda adiante narrada.

Com maximo orgulho contam os guerreiros o numero das onças por elles mortas, o que muito contribue para augmentar o seu valor entre os demais da tribu. A bravura consiste em atacar a onça acuada em terra, occasião essa a mais perigosa para o caçador. Matam-n'a então á flecha e á lança, conforme a posição do felino. Compete então ao bravo caçador comer o coração da sua victima, repartindo com os demais presentes o resto da carne.

Assam a carne fazendo um largo buraco na terra, o qual forram com pedras do rio, fazendo sobre ellas um fogo durante muito tempo, até que as mesmas se tornam rubras de calor. Retiram em seguida os restos do fogo, forrando as pedras, no interior do buraco, com pedaços de madeira e folhas de palmeira (ndótoió), sobre as quaes collocam então os pedaços de carne, com o couro. Cobrem tudo com outra camada de folhas de palmeira, sobre a qual depositam ainda uma espessa camada de terra. Cosinha-se deste modo a carne lentamente, durante mais ou menos 12 horas, sendo notavel o saber que por este processo adquire.

Desconheciam inteiramente, até a pacificação, o uso do sal, e durante muito tempo rejeitavam todas as comidas que nós lhes offerecíamos contendo sal. Assim ainda hoje os guerreiros mais edosos não acceitam comida nossa por estar salgada.

Além de não conhecerem o sal, não usam tão pouco condimento de especie alguma, detestando-o sob todas as formas.

Interessante o modo de ensinarem os cães a caçar; quando conseguem apossar-se de um cão, tratam-n'o, nos primeiros tempos, afim de tornal-o apegado a si, com todo o carinho. O cão é amarrado com uma tira de embira, sempre ao lado do seu novo dono, que o trata só com carne em fartissimas e amiudadas rações. Entretem-se então o dono durante todo o tempo quasi que exclusivamente com o cão: ora fazendo-lhe festas e agrados, ora fallando-lhe ao ouvido como si fôra a uma pessôa, no intuito de conquistar sua inteira fidelidade, o que, de facto, consegue em pouco tempo, e a ponto tal que o cão chega até a detestar as demais pessôas, tornando-se muito arisco.

Uma vez alcançando este objectivo, muda inteiramente a sorte do pobre cão: o indio em suas peregrinações pela matta, não lhe dá mais a minima alimentação, obrigando-o assim a caçar, ainda mais, não para si proprio e sim para o seu dono. E' este o processo que empregam para tornar qualquer cão um excellente caçador, sendo lamentavel pela cruel procedimento, que aliás redunda em seu proprio prejuizo, pois todos os seus cães têm o triste fim de definhar lentamente e morrer finalmente á mingua.

Além da caça, uma das principaes bases da sua alimentação, durante espaçado tempo, são os fructos da Araucaria. Nos mezes de abril, maio e junho seguem, em grupos, para a região dos pinheiraes. Escalam ahi os pinheiros por meio de uma peia e de uma laçada feita de trama de taquara, que passam pelo tronco do pinheiro. Enfia-se o indio na laçada, que passa por debaixo dos braços, e contra a qual firma o corpo, apoiando os pés contra o pinheiro, ligados pela péia. Deste modo alternativamente, ora firme nos pés levanta a laçada, ora firme na laçada ergue os pés e com

rapidez e destreza admiraveis escalam o tronco erecto da Araucaria até a sua copa. Ahi avançam pelos galhos e apiando-os fortemente fazem cahir as pinhas.

Os pinhões são simplesmente tostados ao fogo e triturados depois em pilões, reduzidos assim a uma verdadeira massa, com a qual preparam um caldo cozido com agua. Fazem tambem da mesma massa pequenos bolos, de forma redonda e chata, do tamanho de um pires, que são depois assados sobre brazas. Não podendo conservar os pinhões por muito tempo frescos, pois que bicham mui facilmente, usam o seguinte processo: enchem com pinhões cestos apropriados e previamente forrados com folhas de cactú, perfeitamente tampados. Estes cestos são immersos nas aguas de pequenos corregos em logares para isto escolhidos. Ahi permanecem estes cestos durante um mez e meio e tornam-se os pinhões perfeitamente cortidos, conservando suas qualidades alimenticias por um longo espaço de tempo. Como é evidente, o pinhão, depois de retirado d'agua, nada tem de appetitoso, exhalando fortissimo cheiro bem desagradavel, tendo um gosto repugnante, não sendo tolerado pelos nossos estomagos. Aos indios, porém, em nada incommodam estas qualidades adquiridas com este processo, e, mesmo assim, muito o apreciam. Principalmente deste pinhão cortido é que fazem suas sopas e bolos, como acima foi explicado.

Toma parte saliente na sua alimentação tambem o mel silvestre, que para elles é indispensavel. Não se pode senão averbar de verdadeiro instincto, ou de mais um sentido, o tino que possuem para descobrir, volta e meia, uma abelheira no matto, quasi sempre no alto de grandes arvores. Divisada a colmeia escalam a arvore, pelo systema já descripto, com a peia e a laçoda, nas quaes se firmam de encontro á arvore. Têm elles assim os braços livres, manejando com admiravel segurança e certeza o seu machado de cabo curto. Fendem a madeira exactamente no logar necessario, fazendo uma abertura em forma de perfeito triangulo. Aproveitam da abelheira *simplesmente tudo: mel, favo, comendo com muito gosto* as chrysalidas; tambem a cêra é sempre toda recolhida para diversos outros fins.

Não só das abelhas com as chrysalidas como tambem de outros insectos, como vespas, marimbondos, etc., cuja colmeia procuram com avidez.

Evidentemente a escassez existente de caça nas mattas aqui do sul obrigou os indios a recorrerem a todos os meios para saciar a fome. Assim, pois, habituaram-se a comer chrysalidas e larvas de toda especie, principalmente o assim chamado «coró», bicho do pau podre, que saboreiam tanto crú como assado, ou cozido em um gomo de taquara posto ao fogo. Tornára-se assim a necessidade um habito, e não obstante não subsistir hoje a necessidade, os botocudos procuram as chrysalidas e larvas para uma especie de variação fina de alimento.

Na ausencia dos guerreiros durante longo tempo, é uso da tribu que as mulheres cacem por meio de laços e armadilhas, com que apanham pequena caça para sua alimentação, por não usarem estas nenhuma arma.

Facto interessantissimo é não conhecer a tribu dos botocudos a pesca, mesmo na sua forma mais primitiva, não havendo falta de rios muito piscosos na zona por elles habitada.

Conheciam antes da pacificação o milho, aboboras e a farinha de mandioca, alimentos estes que obtinham por occasião dos assaltos que perpetravam contra os civilisados. Desconheciam porém inteiramente as batatas, aipim ou mandioca, feijão, arroz, taiá, inhame etc., alimentos estes que hoje conhecem e muito apreciam.

Constroem os botocudos seus acampamentos com ranchos de varas finas, umas fincadas ao lado das outras, a pouca distancia, que são ver-

gadas em forma de arco e presas suas pontas em uma pesada vara horizontal, geralmente fixa em duas arvores na altura de um homem. A fórma do tecto é o de abobeda, sendo coberto com folhas de coqueiro, cabeté ou xaxim; deixam sempre um vão lateral de mais ou menos um metro sem folhas para que possam observar tambem o que se passa atrás do rancho, evitando assim uma possivel surpreza. O fogo sempre é feito sob a parte aberta do rancho, selando continuamente os indios para que este não se apague.

Destina-se cada um destes ranchos para uma só familia.

Todos os demais ranchos são distribuidos regularmente em linha, agrupados parallelamente de dois a dois, formando assim o acampamento.

Quando ha circunstancias que os obrigam a permanecer em um determinado ponto por maior espaço de tempo (colheitas de pinhões, festas, etc.), constróem seus ranchos com mais perfeição e capricho, em maior tamanho, ligando as coberturas de dois ranchos fronteiros, de modo que as varas arcadas de cada rancho não fiquem ligadas a uma vara horizontal, mas umas ás outras, formando então uma abobeda perfeita. Nestes grandes ranchos habitam varios casaes pertencentes á mesma familia, tendo para si cada casal o seu fogo, que fica situado no meio do grande rancho. Como os pequenos, tambem estes, á altura de approximadamente um metro do solo, ficam abertos lateralmente.

Forma-lhes o travesseiro uma larga faixa de terra que acamam no interior dos ranchos, de ambos os lados.

Todo o chão dos ranchos é forrado com folhas de xaxim, sobre as quaes se deitam. Dormem os casaes parentes uns ao lado dos outros, descançando a cabeça sobre a alta faixa de terra já referida, e com os pés sempre voltados para o fogo.

No tecto dos ranchos, penduram suas armas, cestos, roupas e demais utensilios sendo os pequenos objectos guardados na palha.

A vestimenta dos guerreiros compõe-se de varios cordões-tangas, que usam á guisa de cinto e que representam mais um enfeite do que verdadeiramente tangas. Estes cordões, ornatos, trançam-n'os de duas qualidades; uns, de côr escura, são feitos com fibras da casca de cipó imbé, outros, brancos, de fibras de palmeira.

Os mesmos cordões de fibra de palmeira usam-nos tambem, fortemente ligados, acima dos torreselos.

A vestimenta das mulheres resume-se ao uso de uma tanga, larga de um metro e 60 centimetros, e no comprimento de um metro e 50 centimetros.

A sua *toilette* é a mais rapida possivel, pois simplesmente dobram a tanga ao meio, envolvendo-a em seguida na cintura.

Essas tangas são tecidas com a fibra de uma certa especie de urtiga brava e ornada com desenhos lineares que, de preferencia, são de côr encarnada ou azul.

Usam o cabello tosado na testa em forma de semi-circulo até a região parietal, de onde o raspam em angulo agudo em direcção á orelha. Atrás é o cabello longo, sendo aparado acima dos hombros. Raspam, no alto do craneo, um circulo perfeito de cinco centimetros de diametro, circulo este que trazem sempre bem cuidado.

Este modo de usar o cabello é commum tanto aos homens como ás mulheres, quando adultos.

Em occasiões de festas fazem os guerreiros cosares de pennas de «Cocolinos» (Aquilla ?), ligando-as entre si por meio de um trançado de

embiras finas. Com estes ornamentos na cabeça, rosto e peito pintados com estrias vermelhas e negras, tomam, por occasião de suas festas, um aspecto de grande imponencia.

As mulheres, e mesmo algumas guerreiras, por essas occasiões solemnes, despenham os cabellos, emmaranhando-os com a finissima penugem multicôr de differentes passarinhos.

E' uso desta tribu, por occasião de grandes combates contra inimigos, pintarem os guerreiros, tanto o rosto como todo o tronco, com largos traços de uma tinta especial negra, com o fito de infundir mais pavor. Dahi terem diversas vezes asseverado civilisados, que por elles foram atacados, o «reconhecimento» de negros entre elles, que, diziam mais, eram bandidos que, no intuito de fugirem á justiça, se tinham juntado aos indios. Fica, com isto, explicada essa lenda...

Ornamentam-se tambem com collares que, antes da pacificação, confeccionavam de diversas sementes, dentes e garras de varios animaes, casco de pequenos veados, de antinhas, etc. Não deixavam porém de aproveitar tambem todo e qualquer objecto que conseguiam em seus assaltos, taes como: argolas de arreios, fivelas, passadores, botões, partes de mechanismos de relogios (que sempre destruiam), moedas, cartuchos detonados ou não, etc., etc. Emfim, basta dizer que um destes collares, é um verdadeiro «mostruario» de tudo quanto lhes passou pelas mãos, pesando muitas vezes de dois até tres kilos.

As armas dos botocudos, compõem-se de arco «vário», sempre feito da rijissima e rija cabiuna, «Caingáire» da mesma familia (Leguminosas) do ipê, o «pau d'arco» dos portuguezes, por ser usado para este fim por todas as tribus do nosso litoral (Tupis, Guaranys). As flechas são de tres especies: as de guerra, com lamina de aço; as de caça, com ponta de uma taquara fendida unilateralmente; e, finalmente, os virotes, para a caça exclusiva de passaros, occasionando a morte pelo choque, e não por ferimento aberto.

Possuem, além destas armas, a imponente lança, com uma lamina de aço que mede até dez e doze centimetros de largura por trinta a quarenta de comprimento, tendo a mesma forma da ponta da flecha de guerra. Servem-se destas, a extrema destreza com que manejam esta formidavel arma, em uma especial esgrima, em a qual a brandem com as duas mãos em meio da haste, servindo-se da ponta da haste para aparar e rebater golpes, e da lamina para atacar o inimigo, montaço e golpes que, não defendidos, occasionam a morte instantanea do combatente. Um só talhaço tem feito saltar a cabeça do inimigo. Nesta esgrima desferem os botocudos golpes tanto de cima para baixo, como de baixo para cima, executando, a medo, saltos de extrema destreza, tanto para frente, como para retaguarda.

Entra para o rol de suas armas, tambem, o «Kôuam», clava de 1,50 centimetros de comprimento, cujo cabo é roliço, sendo a parte restante, talhada em losango crescente, até a extremidade, e cujas quinas são sobremodo agudas.

Enfeitam estas clavas, assim como as lanças, «Mag-lôma», «Kôlâma», com desenhos lineares, a fogo, sendo que as ultimas, no engaste da lamina na haste, com um bello trançado feito em duas côres.

Guarnecem as immediações dos seus acampamentos, quando suspeitam uma provavel aggressão, escavando profundos fojos até dois metros e meio crivados de agudissimos estrepes nas paredes, e fixando ainda, no centro

uma lança. O incauto que se precipitar num destes fojos, infallivelmente morrerá de uma fórma simplesmente horrorosa.

E' tal a arte com que disfarçam estes fojos por meio de frageis varinhas, que são cobertas com folhagem, que aos proprios indios não é possivel reconhecel-os sem prévia sciencia.

Assim, já se deu no Posto, nos primeiros dias após a pacificação, o lamentavel incidente de cahir um indio, que á noite chegára de outro lugar, no acampamento, em um dos fojos, fallecendo poucas horas depois em consequencia dos horriveis ferimentos que lhe tinham dilacerado o corpo.

Além destes fojos, são os seus acampamentos sempre guarnecidos de trincheiras construidas, como é evidente, sempre em optimas posições. São estas trincheiras, em caso de perigo, guardadas durante noite e dia por guerreiros experimentados.

Possuem uma linguagem perfeita composta de assobios, imitados de diversos passaros, pela qual admiravelmente se entendem, trocando signaes e avisos, quando mantêm vigilancia a roda dos seus acampamentos, tanto durante a noite como de dia, nas occasiões em que isto se torna necessario.

O modo pelo qual conseguem o fogo é o usual entre as tribus brasileiras, — o da fricção de duas madeiras, sendo uma rija e a outra menos resistente.

Firmam elles, para este fim, um pedaço de madeira mole com os dedos dos pés, em cujo centro ha uma pequena cava na qual apoiam a extremidade de uma vareta feita de madeira mui rija.

Pelo movimento giratorio que imprimem a esta vareta, pela fricção das mãos, forma-se um pó finissimo, que é o primeiro a arder. Isto se nota por uma tenue espiral de fumaça azul que se enrola pela vareta. E' o momento em que tornam a fricção ainda mais rapida, começando o pó a arder. Amontoam então, cuidadosamente, pequenissimos fragmentos de madeira secca raspada, e continuamente soprando conseguem, afinal, uma pequena labareda, que, gradativamente, é augmentada.

Como é evidente, este processo, exige enorme dispendio de tempo e de trabalho cuidadoso, e só em ultimo caso a elle recorrem.

Têm os indios sempre o maximo cuidado em conservar o fogo, velando continuamente para que se não extinga em suas fogueiras.

Quando em viagem, acompanha-os sempre uma mulher ou creança, encarregada de guardar o fogo, que é levado em acha accesa.

O ferro obtinham os botocudos, antes da pacificação, nos assaltos que perpetravam contra os civilisados. Material summamente precioso este, pois que, desde das vantagens sobre a pedra lascada, tornou-se-lhes imprescindivel para a factura de seus armamentos. Trabalham elles o ferro não o aquecendo, mas sim malhando-o frio, com rijas pedras arredondadas que buscam nos baixios dos rios. Facil é avaliar qual a paciencia e a perseverança necessarias para dar a fórma desejada a um qualquer pedaço de ferro, cuja fórma e dimensões em nada correspondem ao modelo desejado. Basta dizer que, para aprompitar uma lamina para as suas lanças, empregam mais de tres mezes, trabalhando diariamente.

Aproveitam tambem o ferro para fazer pequenas facas, raspadores, e diversos outros pequenos instrumentos.

Para o tecido das suas tangas servem-se, como já foi dito, de uma especie de urtiga brava. Procedem da seguinte fórma: as mulheres, com pequenos cacetes, batem as plantas de todos os lados até que fiquem inteiramente desprovidas de folhas e dos maiores espinhos. Feito isto, dão pequenos talhos no caule, pouco acima das raizes, descascando-o em tiras longitudinaes.

Reunem estas tiras em um grande atado, que é collocado nagua durante certo tempo. Retiram-no mais tarde, para o bater fortemente entre dois páos, até que restem unicamente as fibras, sem as partes lenhosas. E' repetido esse processo mais vezes, sendo por fim a fibra secca e depois fiada com as mãos, o que executam sobre a coxa nua, enovelando em seguida o fio obtido. Constróem então uma especie de tear, muito primitivo, que se compõe de duas varas fixadas na terra obliquamente, sendo presas nestas duas outras varas horisontalmente. Sentadas sobre os pés deante deste tear, traçam ellas de differentes maneiras, com relativa facilidade, os fios que nelle prenderam.

Os seus grandes cestos, «Kan-nha», para carga, bem como os menores, encerados, para agua, e os pequenos, tambem encerados, para diversos fins, são todos trançados de taquara mansa, variando apenas a largura e a grossura em que a racham.

Servem-se dos cestos maiores, encerados, para o transporte do mel e da agua, representando, por conseguinte, uma especie de «baldes». Os cestos pequenos, tambem impermeaveis, servem-lhes como vasilhas, especie de canecas, para agua e para tomar «mong-ma», por occasião de suas festas.

Não trançam os botocudos abanos nem tão pouco leques e esteiras.

Tramam, porém, uma faixa de oito centimetros de largura, unida nas pontas com um nó especial, corrediço, afim de encurtal-a ou augmental-a como se faça necessario, para o transporte das creanças. Com estas faixas, trançadas de embira, às vezes em duas côres, carregam as mulheres os filhos ás costas, prendendo a faixa ora na testa, ora no alto da cabeça. Por este processo carregam os botocudos tudo, sempre firmando o peso na cabeça e fazendo-o descançar sobre as costas.

Usam estes indios grandes pinças, feitas de taquarussú; em falta destá, fazem-nas tambem de madeira rija, com as quaes tiram os alimentos do fogo e das panellas quando em estado de ebulição. Chamam-nas «Ko-pama», mão de madeira.

Formam os botocudos uma só tribu, composta de differentes familias, todas com iguaes direitos.

O poder pertence a um só chefe, que dirige os destinos da tribu, e decide, em geral, sobre todos os actos da mesma.

Este chefe, «pahin», exerce o seu poder emquanto o seu valor como guerreiro destemido e audaz é reconhecido por todos. Em sua ausencia os guerreiros mais experimentados e mais corajosos tomam a si o mando, exercendo então maior influencia sobre os demais.

Um chefe idoso passa o mando a um guerreiro de qualidades, não pendendo, comtudo, a grande influencia que exercia sobre toda a tribu: ao contrario, torna-se então conselheiro da mesma, sendo respeitado e venerado por todos.

Os botocudos são polygamos; o guerreiro, de accôrdo com o seu valor, casa-se geralmente com duas e mais mulheres. Os chefes sempre com mais de tres.

Quando adultos, os jovens recebem, como distinctivo de guerreiro, uma tatuagem sobre o braço. São dois pontos, em sentido horizontal. A' medida que os mesmos sabem fazer valer as suas qualidades de varão, recebem, logo abaixo, mais duas tatuagens, no mesmo sentido. Depois de assim recebidos entre os guerreiros, estão elles aptos para se casar.

Em geral, constróem um rancho para si, para o qual levam a moça que escolheram para casar, e que então vive com elles maritalmente. Algumas vezes, quando a familia da moça é pouco numerosa, o joven guerreiro fica morando com sua esposa no mesmo rancho dos parentes desta. Não ha entre elles o incesto, pois que é vedado o casamento entre os parentes mais proximos. E' habito da tribu respeitar o casamento, e só raras vezes ha o adulterio, que é unanimemente reprovado.

Sem carecer de mais formalidades, escolhe o guerreiro tambem a sua segunda mulher, havendo, porém, para ambas, os mesmos direitos. E' commum serem as outras mulheres do mesmo guerreiro irmãs da primeira esposa.

Dão elles ás creanças masculinas, como pronome, o de um notavel antepassado, ao qual ajuntam como sobrenome o nome do pae e de sua descendencia. Para a creança do sexo feminino escolhe a mãe o pronome a seu gosto, ficando como sobrenome o nome da mãe e de sua descendencia.

Assim se explica terem elles os mais longos nomes possiveis, como por exemplo: Korikrã-Láksi-Layondési, Vaikôidn-Ungrôsima-Pôa-Tupí-Vaimusima.

Os mortos adultos, tanto os homens como as mulheres, são incinerados em grandes fogueiras feitas de madeira escolhida com esmêro. O mesmo fazem com as creanças de ambos os sexos, quando puberes; quando pequenas, porém, são enterradas.

Conjunctamente com o guerreiro são queimadas todas as suas armas e demais utensilios do seu uso pessoal. Incinerado o corpo, recolhem, no sol seguinte, as cinzas, que depositam em um buraco redondo, préviamente forrado com cascas e folhas de arvores; sendo então tampado com terra e sobre o qual collocam rachões de madeira, construindo, por cima de tudo, um rancho.

A morte de um chefe ou de um guerreiro emerito é chorada pela tribu inteira, que em uma especie de ladainha, cantam seus feitos durante alguns dias. Salientam então as mulheres, nos mesmos cantos, as bôas qualidades do morto na vida intima da tribu.

Nota-se que os botocudos, por estas occasiões, são tomados de profunda tristeza, tornando-se taciturnos e indifferentes a tudo, entregues só á sua grande dôr, guardando, durante dias consecutivos, jejum absoluto.

O regimen social dos botocudos é o do auxilio mutuo, no qual foram naturalmente educados pela vida incerta de povo nomade, que sempre levaram.

O caçador que abate uma caça não é obrigado a repartil-a, assim como tambem os outros não o exigem.

E', porém, entre elles, simplesmente natural, não o concebem mesmo de outra fórma senão em repartindo a caça, por menor que seja, para com todos.

Paula SM3 Caingang

Este mesmo regimen, «instinctivo», é tambem extensivo á distribuição da pilhagem após os assaltos que faziam antigamente aos civilisados.

Em casos de desavenças entre elles, não ha juiz: procuram os contendores decidir a questão entre si, primeiro, por palavras, depois, em duello.

No caso de ser morto um delles em uma dessas rixas, os parentes mais proximos do vencido procuram, quasi sempre, tirar uma desforra. E de uma *vedetta* destas muitas vezes se originou a subdivisão da tribu em grupos que mutuamente se hostilisavam, havendo verdadeiras chacinas entre estes, que muitas vezes foram numerosos, sendo inteiramente exterminados. Dahi, a principal causa da dizimação desta tribu, que foi bem consideravel, contando avultado numero de guerreiros.

Verifica-se já a manifestação de gosto artistico entre os botocudos no esmerado enfeite dos trançados á roda do encastoado das suas lanças, na confecção de suas flechas e nos embellezamentos com que enfeitam o trançado dos seus pequenos cestos impermeaveis para o uso interno dos seus ranchos.

Nota-se tambem nos enfeites de côres differentes em desenhos lineares e nas franjas de suas tangas, bem como em varios outros enfeites que adornam multiplos outros objectos de seu uso, com desenhos entalhados ou feitos a fogo.

O maracá é muito enfeitado, sendo a sua haste coberta de uma trança feita em cruz, com fibras pretas de casca de imbó-mirim. O chocalho, em seu engaste, é cercado de pellos e pennas multicôres, sendo o porongo lavrado com multiplos desenhos, repetindo-se em cima, na extremidade da haste, os mesmos enfeites do engaste.

Como todos os povos primitivos, os botocudos conhecem os elementos das sciencias que directamente se relacionam ás suas necessidades quotidianas.

Conhecem tres estações do anno; o verão (Lámbang), calor grande, o inverno (Kotschóma), frio, e o outomno (Kódió-tó-kutáma), tempo em que cahem as folhas.

O mez-lua chamam «Kutschá», contando de uma lua cheia a outra. Por estação têm os indios a noção do espaço de tempo que, para nós, representa o anno; accrescendo a esta observação a florescencia de certas arvores e o amadurecer de certos fructos.

Contam estes indios, pelos dedos da mão, de um até cinco; designando os dedos da outra mão, contam até dez; depois, pelo conjuncto dos dedos das duas mãos, enumeram uma quantidade qualquer.

No tratamento de suas molestias empregam o succo de differentes plantas, sendo o seu uso quasi sempre externo, em frioções e massagens; usam tambem algumas materias organicas, como o buxo do veado, etc.

E' seu habito atar fortemente as partes doloridas do corpo, não só nos casos de accidente ophidico, como nos de outra qualquer molestia.

Usavam, antigamente, varios objectos feitos de barro cosido, taes como panellas de varios tamanhos e feitios e pequenos vasos de differentes fórmas, que lhes serviam para o preparo e cosimento de suas comidas.

Com os assaltos, porém, que realizaram contra os civilisados, apossaram-se mais tarde dos mesmos objectos, de ferro e de outros metaes,

4: Paula SM3 Caingang

que, naturalmente, ficaram preferidos, em prejuizo desta arte, que decahiu inteiramente, principalmente depois do contacto comnosco.

Anteriormente a esse contacto ainda alguns botocudos, os mais idosos, dedicavam-se á ceramica.

Evidente é que, para a factura destes objectos, necessitam elles de um barro especial; e acreditam os botocudos que o arco-iris é o indicador destas jazidas de barro especial, e por essa crença antiga denominam-n'o de «Kukron-ndouma» (flecha da panella), entendendo-se a que indica o lugar em que se encontra barro proprio para a ceramica. Nunca usaram e não usam enterrar os mortos em igaçabas, fazendo-o como já foi descripto acima.

Todos os annos, em fins de dezembro ou em janeiro, por conseguinte, na estação de «Lámbang-uan», no mais intenso verão daqui do sul, realiram as suas grandes festas para baptismo das creanças.

Para estas festas preparam os botocudos uma bebida, «Móng-ma», cuja base, como ingrediente principal, é o mel silvestre; requerendo o seu preparo bastante tempo. Por esse motivo, já uma lua antes, subdividem-se os indios, tomando cada um a si um affazer. Aos pais dos meninos a baptizar cabe a construcção dos grandes cochos para preparo da bebida. São estes cochos para a fermentação da bebida verdadeiras obras de mestre, exigindo maxima paciencia e habilidade.

Escolhem para isto grossos troncos de velhos cedros, que são derrubados e atorados no comprimento de um metro e cincoenta a dois metros.

Depois descascam-n'os convenientemente, abrindo, em seguida, uma fenda longitudinal de dezoito a vinte centimetros de largura, pela qual exavam o tronco completamente, deixando-o inteiramente oco, com paredes lateraes de tres a quatro centimetros sómente de espessura, tendo as cabeças do cocho a espessura de oito a dez centimetros.

Servem-se para este trabalho, além do fogo, de uma especie de formões, que antigamente eram feitos de pedra e que hoje fazem de ferro.

Cuidadosamente completada a escavação, são as duas partes em que o tronco foi atorado bem encaradas com uma grossa camada, que as torna perfeitamente impermeaveis.

Emquanto os paes se ocupam neste servio, os demais parentes sahem á procura de mel. Em todas as direcções embrenham-se na floresta pequenos grupos de indios que, muito alegres com a proxima festa, sahem cantando e galhofando entre si. Na sua volta, não só trazem mel em abundancia, como tambem o resultado de sua caça.

O mel é então todo depositado nos cochos, addicionando agua e o succo de xaxim e do caule de coqueiros novos. Cobrem, depois disso, as aberturas dos cochos, «Kakógma», com longos e largos pedaços de cascas da mesma madeira, collocando grandes pesos sobre estas.

Assim fica este liquido durante o espaço de duas semanas; findas as quaes, com intuito de accelerar a fermentação, immergem na bebida pedras redondas, préviamente aquecidas em grandes fogueiras. Esse processo é repetido seguidas vezes, até que o conteúdo dos cochos fique muito quente. Tapam então novamente os cochos, retirando as pedras, quando frias, para substituil-as por outras aquecidas.

E continuam neste processo durante o espaço de tres dias, deixando então de fazel-o por outros tres dias; ficando assim prompta e convenientemente fermentada a bebida.

Emquanto isto, o resto da tribu se occupa em confeccionar os enfeites para a festa e preparar, conjunctamente com as mulheres, o terreiro para as dansas e jogos.

Escolhem um local adequado, que destocam, aplainam e limpam cuidadosamente, apresentando a fórma de um vasto circulo, á roda do qual constróem pequenos ranchos, tendo todos a frente para o circulo. No dia da festa, no meio deste, é feita uma enorme fogueira, entoando os guerreiros seus canticos desde alta madrugada. Ao nascer do sol ornamentam-se com todos os seus emblemas guerreiros e, reunidos, executam evoluções pelo terreiro, á roda da grande fogueira.

Entram então as mulheres com maracás em ambas as mãos e, cantando, encetam uma dança, conjunctamente com os guerreiros. Essa dança consiste em uma marcha rythmada, compassadamente marcada pelas pancadas surdas das lanças no sólo e acompanhadas com o chocalhar dos maracás.

Repetem-se estas dansas durante algumas horas, só depois das quaes abrem os cochos, começando então a tomar a bebida.

Tomam-n'a desbragadamente os homens e tambem as mulheres, emquanto que as creanças por baptizar só depois são obrigadas a tragal-a. A viva força fazem os guerreiros engulir esse liquido ás creanças, que repugnadas, o rejeitam, mas que, forçadas, engolem até ficarem completamente atordoadas.

Assim as creanças, já quasi insensiveis, são ainda pelos paes e parentes sacudidas de todos os modos, para accentuar ainda mais esse atordoamento. Fazem-n'o de um modo brutal, segurando os meninos pelas pernas, atirando-os para o ar e de um homem para outro, até tornar completa a insensibilidade.

Finalmente, procedem então á perfuração dos labios dos neophytos, o que executam com um furador especial feito de uma madeira muito rija e ainda endurecida ao fogo.

Praticado o orificio, collocam, immediatamente, um pequeno botoque «Ngrókonúdmo», que, com a idade, é gradativamente substituido por um mais grosso, que dilata o orificio.

As creanças do sexo feminino não recebem botoque, porém duas incisões, logo abaixo da rotula, na perna esquerda. Incisões estas feitas com o mesmo instrumento acima descripto.

Terminadas estas cerimonias, redobra a bebedeira dos guerreiros, que depois recomeçam as suas dansas, após as quaes encetam diversos jogos.

Por occasião destas grandes festas reunem-se todos os differentes grupos da tribu dos botocudos, pois que estas solemnidades devem ser assistidas por todos os guerreiros, sendo que, separadamente, não as realizam.

Os differentes grupos, segundo o seu parentesco e sympathias, separam-se para, nos differentes jogos, medirem suas forças e destreza.

Um dos mais interessantes é o «Ngréda», que consiste em aparar ou rebater uma pedra redonda que se acha dentro de uma bolsa feita de um fino trançado de embiras.

Arremessam esta especie de peléca de um grupo para outro com toda a força, visando acertar um guerreiro do outro partido. Atirando todos a um tempo, mui difficil é escapar illeso o guerreiro que é alvo de mais de uma peléca.

A arte consiste em aparar no ar a bolsa para, immediatamente, arremessal-a de volta. Sendo muitas a um tempo, o botocudo então, á medida que não póde aparar, rebate-as com um curto cacete. Apesar de diversos

guerreiros serem attingidos e machucados por estas pedras, continuam, com enorme algazarra e grande enthusiasmo, durante muitas horas, este jogo.

Outro jogo interessante é o do cacete, especie de esgrima ou jogo de páo, em que dois homens medem a sua agilidade e certeza.

VOCABULARIO BOTOCUDO

Colhido no aldeiamento de Valo-Plata — Itajahy — Santa Catharina

A

Abelha: Móagma.
Agua: Ngoyo.
Amanhã: Kuiágma.
Amargo: Kóiákê.
Amarrar: Iêdn.
Anta: Óyõie.
Anum: Engéno.
Arara: Kóyoimbãag.
Arco: Vóyo, uỹma.
Arrancar: Kunúnkê.
Assar: Ngiánkê.
Araponga: Tangtãma.
Alto: Téiê.
Apagar: Yudema.
Amigo: Kálkáma.
Aqui: Tõkanê.
Aranha: Xukréng.
Ave: Xáng-gõma.
Arvore: Vãema.
Assustar: Komãnghãdn.
Atravessar: Katalópkê.
Avô: Yógtotoyugma.
Avó: Yãntotoninõma.
Azul: Taigmo.
Assado: Yõ.

B

Balaio: Krê.
Barba: Yévama.
Barriga: Nõiema.
Beber: Kãtiê.
Borboleta: Twtáma.
Bodoque: Ngrukuenõna, katyéma, quando de só de pinho.
Braço: Pãn.
Branco: Kuprima.
Brigar: Iõ yõnho.
Bugio: Ngiágma.
Buraco: (na terra) Ngiktádma.

C

Cabeça: Kréng.
Chifre: Nekáma.
Calôr: Kutíma.
Caminho: Yámin.
Canôa: (Cacho) Káktma.
Cerca: Déyê.
Caneca: Petkóma.
Campo: Lepriru.
Café: tutõma.
Capivara: Krêndjõi.
Casa: Inuan.
Cauda: Mbãma.
Carrapato: Tire.
Caroço: Kosáma.
Cesto: Petkáma.
Chega, basta: Riquiãvãie.
Chuva: Dánkutéma.
Cobra: Pocaema.
Cobra jararacussú: Krêntoyãka.
Cobra jararaca: Kigékugréma.
Comer: Cõyê.
Comprido: Téyê.
Coalhaço, sol: Vêgnomõ.
Correr: Coiéma.
Cortar: Kuh.
Cotia: Kátuõ.
Cosinhar: Nõõi.
Curto: Kátxida.

[p 131]

D

Dançar, Festa: Uvãingrédma.
Dedo: Ningizeic.
Deita fora: Zóudnlo.
Dente: Nhãma.
Dia: Kôtan.
Diga: Tó.
Doente: Kócgóma.
Doça: Ngrãa.
Dormir: Nhôro.
Duro, forte: Tuydio.

E

Escrever, riscar: Nded-ledo.
Espere: Vé.
Estrella: Gilksânc.
Espinho: Txôl.
Estrada: Yámin-m'bang.
Escremento: Nôzá.
Espelho: Véda-véda.

F

Faia: Kãinyá.
Fome: Kôiére.
Fazer: Hôda.
Farinha: Mbazá.
Pede: Ngércká.
Filho: Krãa.
Fogo: Préma.
Fraco: Króyóma.
Fructa: Nédékoulma.
Flecha: Djômã'lo
Frio: Kôtxôle.
Fundo: Dígtaá.

G

Gato: Ngrádma.
Gesto: Kubrule.
Genro: Jambré.
Glossra: N'ddtuyé.
Gordo: Tanhdogô.
Grande: Mbégua.

H

Hoje: Uri.
Homem: Kôinging.
Hontem: Lâquét.

I

Irmã: Vêsima, ongnkêzima.
Irmão: Nunkédma, hangréma.

J

Jaboticaba: Mão.
Jacaré: Létadma.
Jacú: Kod.
Jacutinga: Pêigua.
Jaguatirica: Ngrãdeila.
Jerivá: (palmeira): Tãisma.
Joelho: Nyondóma.
Junto: Mbré.

L

Lá: Takané.
Lago, lagoa: Ngôiokatxida.
Lança: Lóngôma.
Lacenço: Quidi.
Leite: Nóngnhêkambóma.
Limpo: Hête, kupête.
Levanta-se: Nlnlô.
Leve: Kaydi.
Ligeiro, leste: Tãle.
Lavar: Kópéle.
Lingua: Numáma.
Linha: Nazé.
Longe: Ambeadóma.
Lontra: Zoukaléo.
Lua: Koltxáma.

M

Mão: Nengá.
Macaco: Kaskára.
Machado: Mbégua.
Macuco: Ovó.
Magro: Klió.
Mandioca: Kóngré.

Manco: Tenkolég.
Manso: Lási.
Marido: Mbédn.
Matar: Tôsh.
Mato: Kôhan.
Mãe: Ian.
Mau, ruim: Kolégma.
Medico: Vaikoktóma.
Medir: (N'déd)-tumbédma.
Medo: Kômáng.
Mel: Mónguá.
Menino: Kôngkgkatxidn.
Mentira: Ógtxóro.
Mergulho: Pukkéma.
Mez: Iáktón, itxón.
Milho: Nghára, nghálakonáma.
Miudo, pequeno: Kitxidn.
Moço: Kolkeghádno.
Molhado: Nakpém.
Mostasha: Krén.
Morder: Prágah.
Muito: Kámbáng.
Mulher: Prón.
Moça: Tentígma.

N

Nadar: Mbtóma.
Norte: Tá.
Não: Ih, ndéya.
Não quero: Tô ovátxlô (negação absoluta) tin.
Noite: Katígma.

O

Olho: Kuxáma.
Ovelha: Ningráma.
Osso: Kukóma.
Ovo: Krán.

P

Paca: Kralán.
Pae: Yágua.
Pumo: Kán, kóra.
Passarinho: Xanglóma.
Pato: Kaika.
Panella: Kukrén.
Papagaio: Tangrógma.
Parente, amigo: Káiká.
Páu: Kóma.
Pé: Pánema.
Pedra: Karúmz.
Peixe: Vung-vungma.
Pelle: Zára.
Pello: Kókóma.
Pena: Zálé.
Penle: Uvákurdia.
Pequeno: Kátxidn.
Perdiz: Kokóiva.
Pesado: Kuxáh.
Pescoço: Ndóle.
Pinheiro: Zángma.
Pintado: Lé.
Plantar: Krán.
Pombo: Penkuima.
Preguiçoso: Nhanhára.
Preto: Tsé.
Procurar: Konántea.
Porco do matto: Úgm.

Q

Quebrar: Kabque.
Quati: Xáma.
Quinar: Ponro.
Quente: Layógúma.

R

Rabo: Mbôba.
Rato: Kátxlo.
Roso: Palóma.
Remedio: Vaikoktó.
Roça: Iapua.
Rio: Ngoyóma.
Ruim: Kólégma.

S

Sogro: Kákraa.
Salto, cachoeira: Krong.
Sento-se: Nhalô.

Selo: Núnhê.
Sim: Hón.
Sol: Lá.
Sujo: Kóuvêi.
Surdo: Kutódn, mankefone.

T

Tateto: Okxá.
Taquára: Vangvíma.
Terra: Ngóma.
Tigre: Mongma.
Torto: Pandoma.
Trabalhar: N'dédhádno.
Trovão: Todotónema.
Tucano: Ngíñma.

U

Urú: Putpúlekláma.
Urina: Jóin.

V

Valente: Komangtán.
Vamos: Tódn.
Vou (eu vou junto): Ihá mbrétom.
Veado: Kambêha.
Venha (venha cá): Katénglô.
Vem: Kátong.
Vem ter commigo: Itxô katéng.
Vento: Konká.
Vermelho: Kutxón.

VOCABULARIO BOTOCUDO

Colhido no aldeiamento de Palmas — Paraná

A

Amanhã: Kulagma.
Amigo: Kuiakama.
Andar a cavallo: Cavalú Takrené.
Anta: Ojoro.
Ante-braço: Einjaksi.
Apele: Katolé xuk.
Arco: Corichara, Einvuia.
Arvore: Poinbang.
Avô: Ijungu tchuma.

B

Bainha de facão: Tipá.
Banco: Koiukôro.
Barba: Eijuvá.
Barriga: Eijú.
Braço: Pan, eipan.
Brasa: Tatapui.
Beber: Kakrá.
Bebida (qualquer) Kiki.
Bigode: Einjuvá.
Borboleta: Purukundá.
Botoque: Eigrokoé.
Bugio: Ungugua.

C

Cabeça: Cren, Ieren.
Cabello: Eicren kaki.
Caceta: Zanú.
Calhro: Tipaaté.
Calor: (está quente) Kakapugug.
Canna: Futka.
Campo: Leeiou, Ieema.
Canella: Eitó.
Cantar: Einjadma.
Carne: Tiné.
Capivara: Krendjoi.
Cavallo: Cavalú.
Ceo: Koiká.
Cesto: Kaitumé ou Kaituiné.
Cesto: (não encerado) Canha.
Chamma: Zaikora.
Chapeu: Eikeipongré.
Chuva: Toonjonkedn.
Cinco: Ulangledna ulangledna upi.
Cobertor: Curo coxôn.
Coati: Ché.
Cobra: Poon.
Comer: Eijokô (Krognê).
Correr: Tilalá.
Costa da mão: Einbenkanglò.

D

Dansar: Eajongrá.
Dedo: Einbengaaai.
Dedo do pé: Eipançal.
Deste: Einjá.
Dois: Ulanglédna.
Dormir: Tinoro tiasecron (está dormindo).

E

Estar de pé: Tinhâma.
Estrio: Tianjôo.
Estrella: Gilknane.

F

Facão: Kranjá.
Flecha de guerra: Machaipê-duian.

[f 135]

Flecha de caça: lingò.
Filho: Nheere.
Filha: Iguxi.
Fogo: Tatá.
Folha: Tisaia.
Frio: Cuxoko.

G

Gallinha: Kukéve.
Gallo: Kukéve.
Gato do matto: Men-caxid.
Geada: Kukrêregma.

H

Homem: Koingang.

I

Irmão: Nhonhedn.
Inimigo: Comblédgma.

J

Jaguaterica: Ungrudma.
Janella: Zaatkakaxi.
Joelho: Eijokaen.

L

Labio: Einbkê.
Lenha: Pen.
Linha: Zooteji.
Lua: Coaxok.

M

Macaco: Couara.
Maitaca: Coojui.
Mãe: Nhon.
Maracanã: Cauja.
Marido: Einbadn.
Matto: Kotokié prunima.
Menino: Ugnere.
Moça solteira: Totae taka.
Moço: Kaaiun.
Mulher: Taã.
Mulher casada: Inpronaina.
Mulher velha: Unbatun.

N

Noite: Kutugma.

O

Onça vermelha: Men cuxon.
Olho: Eikonan.
Osso: Kukó.
Ovo: Tinglá.

P

Paca: Crirlon.
Pai: Iuugn.
Palma da mão: Einhenkaká.
Papagalo: Tanglad.
Passarinho: Chaankoi.
Pé: Eipan.
Peito: Eisepalô.
Peixe: Kakrôa.
Pescoço: Einjui.
Picada: Ooméne.
Picapau: Uujakeingô.
Pinha: Zaaklê.
Pinhão: Zaaksu.
Pinheiro: Zaagma.
Porco de casa: Unpê.
Porco do matto: Ungma.
Porta: Zaatka.

Q

Quatro: Uglanglêdna, Ulanglêdna.
Queijo: Einbô.

R

Ramo: Tipaama.
Rancho de folhas: Tapui.
Rasio: Eipan.
Rio: Goiobáng.
Rio pequeno: Goio caxida.
Roupa: Curo
Roupa azul: Curo looma.
» verde: Curo jorekotoosma.
» branca: Curo cupri.
» preta: Curo chaama.

S

Sobrancelha: Eicujuké.
Saia: (retire-se) Titen.
Sapato: Eipanpá.
Sapo: Pupô.
Sente: Néro.
Sol: Loógma.

T

Taboa: Zaakpógma.
Taquara: Vuadma.
Tateto: Ukxá.
Testa: Eicocá.
Tigre: Unmen.
Toca: Uklêlo.
Traga: Boiocoten.
Tres: Taktun ou Ulangledna upi.

U

Unha: Einhengá Kreinkrú.
Um: Piré ou upi.

V

Vacca: Cavalú, tinekô.
Vamos: Tatoro.
Veado: Cambê.
Velho: Tchiima.
Venha: Kamun.
Venha cá: Catangló.
Venha sentar: Noonek.
Venha sentar no banco: Koinkôro takrené.
Vou a cavallo para baixo: Cavalú takrené katalen.